

## “A cidade não somos nós”: tempo e espaço na narrativa de um morador de ocupação urbana

*“The city is not us”: Time and space in the narrative of an urban squatter*

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2015v49n1p181>

**Natália Cristina Batista**

**Thiago Canettieri**

*Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil*

Historicamente, a sociedade brasileira pautou-se na prática cotidiana da segregação dos pobres, processo que se estende do período colonial até o presente. A cidade de Belo Horizonte seguiu a mesma trajetória segregacionista, mas apresenta singularidades em sua conformação histórica e geográfica. A partir dos anos 2000 surgiram na cidade diversas ocupações urbanas que visavam diminuir o déficit habitacional e proporcionar a possibilidade de moradia (ainda que precária) aos habitantes sem residência. Nosso objetivo neste artigo é compreender como essas ocupações se inserem no cotidiano da cidade e como elas contribuem para a compreensão dessa segregação histórica. Para alcançar tais objetivos utilizaremos a metodologia da história oral, que nos permitirá descortinar possibilidades interpretativas sobre as relações desses moradores das ocupações urbanas com a cidade de Belo Horizonte e com suas próprias trajetórias de exclusão associadas à condição de pobreza e opressão.

**Palavras-chave:** História Oral - Segregação Urbana - Belo Horizonte.

Historically, Brazilian society was based on the daily practice of segregation of the poor, a process that extends from the colonial period to the present. The city of Belo Horizonte followed this same segregationist trajectory, but has singularities in its historical and geographical conformation. From the 2000s several urban occupations have appeared in the city aiming at reducing the housing deficit and to provide the possibility of dwelling (albeit precarious) to people without residence. Our goal in this article is to understand how these occupations became part of everyday life of the city and how they contribute to the understanding of its historical segregation. To achieve these goals the methodology of oral history was used, which will allow us to uncover possible interpretations on the relationship of urban occupations residents with the city of Belo Horizonte and with their own trajectories of exclusion associated with conditions of poverty and oppression.

**Keywords:** Oral History - Urban Segregation - Belo Horizonte.

### Introdução

O presente estudo tem como objetivo registrar e construir elementos para a compreensão das relações entre os moradores das ocupações de Belo Horizonte e o espaço geográfico da cidade. As cidades contemporâneas têm sido marcadas por uma dimensão altamente segregada. O projeto neoliberal de cidade, com seus altos prédios de vidro e suas estruturas metálicas são exceção num mar, onde a regra é, na verdade, a cidade ilegal, a cidade informal e, principalmente, a cidade negada aos moradores pobres das regiões periféricas.

A opção de trabalhar com a história oral se fez a partir da necessidade de recolher narrativas dos moradores das ocupações urbanas e conhecer outra perspectiva da cidade, nem sempre contemplada nos estudos acadêmicos e nos relatórios anuais do município. Entendemos que a História Oral consiste uma metodologia de pesquisa que tem como foco entrevistar pessoas que podem relatar sobre acontecimentos do mundo contemporâneo. Problematizar o presente nem sempre é visto como uma tarefa da História, mas quando se trabalha com história oral é impossível não fazê-lo. A própria narrativa construída pelo entrevistado vai articular passado e presente, tempo e espaço, lembranças e acontecimentos.

O foco da metodologia não está calcado na construção de fatos históricos, mas na compreensão das narrativas construídas por cada indivíduo na sua relação com os contextos históricos e os espaços geográficos.

As narrativas na história oral (e não só elas) se tornam especialmente pregnantes, a ponto de serem ‘citáveis’, quando os acontecimentos no tempo se imobilizam em imagens que nos informam sobre a realidade. É neste momento que as entrevistadas nos ensinam algo mais do que uma versão do passado (ALBERTI, 2004, p. 89).

Mais do que uma versão sobre o passado, procuramos compreender tais realidades no presente. Ainda que pouco contemplada no campo da História Oral, a opção de investigar e recolher narrativas de moradores das ocupações urbanas pode ter grande eficácia para a compreensão da sociedade, se levarmos em conta que a segregação e a pobreza não são a exceção, e sim a regra na cidade.

As ocupações urbanas devem ser entendidas como expressão de uma disputa pelo espaço da cidade, a materialização da tensão entre valor de uso e valor de troca. Dessa maneira, as ocupações seriam a resposta encontrada pela população de baixo poder aquisitivo para conseguir acessar o direito à moradia (inclusive amparado pelo artigo 5º da Constituição Federal) e, assim, reproduzir a vida material.

Entendemos que tais perspectivas têm forte potencial para a compreensão espacial e temporal da cidade, exatamente pelo fato de representarem a antítese da cidade-mercado, e por possibilitarem conhecer a história a contrapelo, como diria Walter Benjamin (1987). Permitir ver a cidade a contrapelo seria visualizá-la a partir suas contradições imanentes no nível da reprodução da vida do indivíduo excluído. Isso porque a cidade, segundo Matos (2009), é produzida por uma acelerada e constante transformação, resultando em um desaparecimento dos suportes objetivos da memória. O espaço urbano é sem

memória social. “A memória oficial recalca as recordações, pelo desaparecimento de seus suportes materiais, reprimindo o aspecto lúdico do viver, as recordações afetivas, abrangendo a memória política (MATOS, 2009, p. 75).

A audição dessas narrativas é a reconquista de um discurso não só esquecido passivamente, mas apagado ativamente pela “memória coletiva oficial”. Por isso, na historiografia de Benjamin (2010) é necessário procurar o substrato das forças produtivas que não se exauriram no processo de produção; aquelas que não se adequam perfeitamente à forma-mercadoria; o detalhe, o insignificante, a memória esquecida ou sem voz: a ruína. São essas micronarrativas fragmentos, ruínas em constante (re)construção e com possibilidades de propiciar a leitura do presente.

As ruínas embaralham o tempo passado com o atual, os limites do tempo coletivo e individual; não celebram apenas o que desapareceu, mas transformam sua memória em atualidade, permitindo rever o passado e reconstruir o presente.

Ruínas são a radicalização da memória, aquilo que caminha em sentido inverso ao da morte. Se o monumento participa da memória oficial, celebrando a autoimagem de uma época para aquelas que lhe sucederão – confinando a história no já acontecido -, as ruínas são os fragmentos da memória que reabrem o passado (MATOS, 2009, p. 73).

Por isso Benjamin diz que a história dos vencidos é uma construção do presente. Assim, são as ruínas – as memórias socialmente recalçadas – que, em suas palavras, são “mais reveladores do que o lembrado pela memória voluntária” (2010, p. 207). exatamente pelo fato de sua construção não ter-se dado através da memória oficial. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial” (POLLACK, 1989, p. 1). A pesquisa não terá como objetivo fazer oposição ao discurso oficial e localizar “verdadeiras” narrativas, mas sim compreender a experiência dos sujeitos no tempo e no espaço. Mesmo contanto com grande número de fontes espaciais e temporais, elas não têm o objetivo de validar ou confirmar as narrativas dos entrevistados; elas nos ajudam a compreender os eventos narrados e expandi-los do plano individual para o coletivo. De acordo com Ecléa Bosi, “seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p. 37). Em alguma medida, o protagonismo da pesquisa é do sujeito e suas

narrativas em torno da sua experiência com a cidade e não na construção de fatos históricos inquestionáveis.

Interessa-nos compreender como ele se insere historicamente na sociedade segregada; como ele reconstrói a sua experiência individual e coletiva; como ele se percebe na condição de morador de uma ocupação urbana e principalmente como ele atribui sentido à sua existência por meio da narrativa. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 2010, p. 201).

Partindo desse pressuposto benjaminiano, entendemos que este trabalho terá como eixo condutor a narrativa do entrevistador e a elaboração de sua trajetória a partir da sua experiência e vivência na cidade de Belo Horizonte.

## **O sujeito e a cidade**

A cidade de Belo Horizonte foi erigida na região do Arraial do Curral Del Rei e foi planejada baseada nos pressupostos da modernidade, do desenvolvimento e do progresso. Tal discurso privilegiou apenas uma minoria de moradores da cidade recém-fundada e ainda hoje nos permite perceber sua fragmentação espacial e social.

A capital de Minas Gerais foi a primeira cidade planejada do Brasil com ideais claramente modernistas. Criada, em 1897, com o intuito de ser um símbolo da ordem positivista e do progresso, sendo uma representação do novo, filha distante do iluminismo francês (MONTE-MÓR, 1994). A cidade planejada, desde o seu projeto, foi um espaço de segregação, em que as classes foram separadas. O Estado foi responsável pelo planejamento e por organizar o posterior leilão dos lotes na área urbana que privilegiou o acesso àqueles que tinham melhor condição financeira.

Com o passar do século XX a situação não se alterou, e Belo Horizonte reproduziu, em escalas cada vez maiores, uma segregação intensa onde os espaços da cidade são destinados quase sempre às classes favorecidas. Tal cenário não se alterou com a entrada do século XXI e, hoje, podemos fazer de uma periferia em escala metropolitana. O que é visível em Belo Horizonte é um constante processo de valorização imobiliária baseado na especulação e na apropriação da mais-valia fundiária urbana, realizando a cidade como espaço do valor de troca.

Pensar Belo Horizonte a partir da ótica dos estudos urbanos (urbanismo, geografia urbana, sociologia urbana, etc.) é pensar as formas de organização territorial da cidade. O que se encontra, como destacam vários estudiosos (ROLNIK, 1988; MARICATO, 2003; LIBERATO, 2007; HARVEY, 2012;

CANETTIERI, 2014) é uma estrutura urbana altamente segregada que reproduz, na cidade, a estrutura de classes próprias do capitalismo. Nessa perspectiva, entende-se que a cidade capitalista é reproduzida essencialmente na sobreposição do valor de troca frente ao valor de uso. A cidade é concebida como uma mercadoria e como um meio de produção e realização do valor (HARVEY, 2012).

Essa dinâmica própria da realização do valor de troca acaba gerando cenários de profunda exclusão. Pensando especificamente na questão da moradia, entende-se que é uma necessidade básica do ser humano, que garante a reprodução material da vida; no entanto, essa é uma questão que representa grande desafio nas cidades contemporâneas. Abramo (2005) destaca que existem determinadas lógicas, individuais e coletivas, de acesso à terra: 1) a do mercado, em que a possibilidade de acesso à terra está diretamente relacionada à capacidade financeira do indivíduo ou grupo; 2) a do Estado, em que é necessário algum acúmulo de capital político, institucional ou simbólico.

No entanto, como lembra o autor, essas lógicas são submetidas a uma lógica hegemônica: a capitalista. Nesta lógica, predomina a realização do valor de troca e não necessariamente o valor de uso. Dessa forma, o acesso à moradia e à terra urbana tem sido realizado quase que exclusivamente pela via do mercado – inclusive os programas habitacionais do governo que atuam da mesma forma. Ou seja, só é possível morar na cidade mediante pagamento da mercadoria que a moradia se tornou.

Em contrapartida, destaca Abramo (2005), existe uma terceira lógica, que não funciona, todavia, descolada das outras duas: a lógica da necessidade, quando apenas a necessidade absoluta de dispor de um lugar para instalar-se determina esse acesso. Assim, na contramão da realização da cidade pela lógica capitalista predominante estão a produção de moradias por meio da autogestão e autoconstrução por meio das ocupações de terrenos e construções ociosas, direcionada para a necessidade básica de morar e entendendo a moradia a partir de seu valor de uso. É essa lógica que caracteriza o objeto de estudo geográfico desta pesquisa: as ocupações urbanas. O espaço construído a partir das necessidades básicas humanas, e não pela suposta “necessidade” do mercado.

Nesse quadro geral, o artigo se insere num projeto de pesquisa mais amplo que pretende entender, a partir das narrativas dos moradores de ocupação, a formação da cidade de Belo Horizonte enquanto espaço de realização do valor de troca e, assim, compreender como essas ocupações se inserem do cotidiano da cidade e como contribuem para a compreensão de sua segregação histórica observada a partir do olhar dos trabalhadores que ocupam esses terrenos.

Neste artigo apresentamos um estudo de caso realizado a partir da análise de uma entrevista temática realizada com Orlando, emblemática figura na militância pelo direito à moradia de Belo Horizonte. Orlando é morador da ocupação Dandara e militante das Brigadas Populares<sup>1</sup> e, com seus 67 anos de vida, segue atuando nas assembleias, reuniões com o poder público e atos – inclusive em outras cidades de Minas Gerais.

A escolha do senhor Orlando tem relações metodológicas e teóricas: entendemos que ao mesmo tempo que ele nos permite compreender a história de segregação da cidade, permite também contestar a visão hegemônica vinculada pelo senso comum no que se refere aos moradores das ocupações. A ambiguidade de sua própria trajetória possibilitou uma compreensão do lugar do morador da ocupação e o seu deslocamento dentro da cidade. É importante ressaltar que o entrevistado tem uma trajetória de militância e isso permite que ele tenha uma visão muito crítica e singular da cidade. Reiteramos que tal perspectiva não pode ser estendida a todos os moradores das ocupações. Os moradores possuem perfis múltiplos e qualquer generalização seria empobrecedora.

O entrevistado em entrevista concedida aos autores em 23/09/2014<sup>2</sup>, narra, assim, a sua trajetória parte de uma perspectiva de singularidade e deslocamento social:

*A minha trajetória de vida é uma coisa assim meio complicada, né? Eu já sei que eu nasci assim complicado. E só vim complicando...essa é a minha trajetória (ORLANDO).*

Ele atribui que essa “complicação” advém tanto da dificuldade em manter a vida material na infância e durante a vida, quanto da escolha pela militância política na maturidade. Embora Orlando reitere que teve uma trajetória complicada e muito diferenciada enquanto indivíduo, a mesma perspectiva não pode ser aplicada em nível estrutural. Podemos perceber que sua trajetória não se diferencia da história de milhões de brasileiros que migraram do campo para a capital em busca de melhores condições de vida. De acordo com o censo de 1980 (IBGE, 1980), entre 1975 e 1980 os dados chegaram 217.702 pessoas que migraram para Belo Horizonte. Orlando era um deles.

O senhor Orlando - ou *Seu* Orlando como costuma ser chamado na ocupação - nasceu no interior de Minas, na cidade de Água Boa, no Vale do Suaçuí. A região fica próxima do Vale do Jequitinhonha e é conhecida pela escassez de

<sup>1</sup> As Brigadas Populares são uma organização política nacional de orientação socialista que, a partir de uma orientação militante, popular e de massas busca construir uma nova maioria política.

<sup>2</sup> LOPES, Orlando Soares. Belo Horizonte/MG, Brasil, 29 setembro 2014. Mp3, 71 minutos. Entrevista concedida à Natália Cristina Batista e Thiago Canettieri.

água e pela pobreza de sua população. Aos vinte e um anos ele migrou para Belo Horizonte com sua família em busca de novas oportunidades de trabalho e melhoria das condições de vida. Sua vinda para Belo Horizonte aponta claramente para a contradição iminente que se coloca em questão no processo de migração para as grandes metrópoles.

*Cheguei em Belo Horizonte não adquiri muita coisa, mas posso dizer: dei um tombo na fome. Não só para mim, como para a família e para outros companheiros que eu conheci.*

Ao mesmo tempo em que o entrevistado reconhece as contradições da cidade, ele faz questão de reiterar que a cidade lhe proporcionou muito mais que o campo. De fato, a cidade representa, para muitas pessoas emigrantes dos campos, uma nova oportunidade de vida. Embora estejam relacionados, segundo Damiani (2011), a uma série de problemas urbanos (entre eles, podemos citar os inchaços das vilas e favelas e a saturação do mercado de trabalho), os imigrantes encontram condições de vida melhor do que no campo, na medida em que o pequeno produtor foi abandonado por qualquer medida estatal que pudesse garantir sua permanência.

*Seu Orlando*, apresenta, exatamente esse ponto. Ele lembra que sua vida no campo não dava condições para sustentar sua família. Ele fala: “*Quando eu cheguei na cidade eu tinha assim que lá (no interior) não ia dar mais pra mim sobreviver.*” Essa situação revela que, de uma perspectiva relacional, a cidade, mesmo em condições precárias e apenas acessando o mercado informal de habitação, oferecia a ele e à sua família condições melhores de sobreviver. Segundo a entrevista, enquanto sua família vivia no campo ele passou fome, e, ao se lembrar da situação, completa: “*Fome é quando você olha pro lado e pergunta: não tem o que comer?*” E isso, segundo ele, foi superado com a migração que, em tom de brincadeira, *Seu Orlando* confia:

*Aqui parece até que estou rico, posso escolher o que vou comer. Mas ali também pelo que a gente passava não tinha que ter muita coisa não...pra quem passava fome! Eu não acredito muito na fome da cidade não...sei que tem uns que passa aberto, passa falta, mas fome não passa não. Essa é a minha visão que eu tenho que cidade.*

No entanto, a transição do campo para a cidade mostrou-se mais complexa do que ele esperava. Ele lembra que teve que ir se “*adaptando com a cidade*”, pois esta implicaria em novos ritmos, que a subjetividade do campo era essencialmente diferente. Esse processo inclui uma constante tentativa de alterar o campo em que se circunscreve os novos ritmos da

vida urbana. E, dentre tantos, o que ganha mais destaque na narrativa de *Seu Orlando* é o trabalho:

*Então eu tive que ir se adaptando com a cidade, uma família muito grande, com todo mundo desempregado. Porque todo mundo que chega aqui não tem trabalho...*

O trabalho é central na sua construção narrativa. Seu Orlando destaca que arrumou o trabalho muito fácil, e que foi ele o responsável por “*encaixar esse povo para trabalhar*” na lógica da cidade. Só que esse percurso nem sempre foi tão suave; na verdade, é possível perceber na narrativa de *Seu Orlando* uma série de atritos. Também é possível perceber, na entrevista de *Seu Orlando*, que sua vida do mercado de trabalho foi altamente movimentada, com alta circularidade em vários setores da economia – embora, todos eles sejam trabalhos que contratam pessoas de baixa escolaridade e pagam baixos salários. Ele trabalhou em vários setores: na indústria, na construção civil, jardinagem e serviço de porteiro. No entanto, seu percurso é cheio de rupturas:

*Quando eu vim para Belo Horizonte eu cheguei a passar pela indústria. Passei pela construção civil e aí eu ficava também... eu vim para a construção civil e fiquei na construção civil, fui para a indústria, voltei para a construção civil e da construção civil eu passei para a jardinagem. Aí larguei a construção civil e passei para jardineiro, fui ser porteiro uma época, depois fui ser jardineiro e quando eu vim para a ocupação eu já era aposentado.*

As várias trocas de atividade representam a precariedade do emprego a que os emigrantes rurais estão submetidos na cidade. Em geral, com baixa escolaridade e recebendo baixos salários, são obrigados a se submeterem a uma alta rotatividade no trabalho, pois constituem uma mão de obra muito volátil. O próprio deslocamento no campo de trabalho pode nos ajudar na compreensão do deslocamento do entrevistado dentro da própria cidade.

Possivelmente as trocas de emprego ocorreram em função da necessidade de encontrar emprego com melhor remuneração ou com menor carga horária. A própria fala do entrevistado parece conter dúvidas com relação ao “*ir e vir*” de sua trajetória profissional, e não é difícil supor que a memória reconstrua alguns eventos de forma fragmentada. Ainda assim, tal depoimento tem extrema validade se pensarmos que as profissões que exerceu ajudam a compreendermos tanto o crescimento da cidade de Belo Horizonte quanto a segregação em seu entorno.

A questão da moradia que *Seu Orlando* descreve em sua narrativa também representa certa recorrência de pessoas com o perfil semelhante. Ele narra que durante muitos anos morou de favor e de aluguel, situações que implicam, segundo ele, uma certa submissão. Depois dessa condição, *Seu Orlando* residiu numa chácara que era um “esquema” de “*favor meio pago*”, em que ele trabalhava como caseiro para residir no local. As chácaras foram terminando no município de Belo Horizonte pela intensa urbanização (COSTA, 2003), e *Seu Orlando* voltou a morar em uma vila, na região de Venda Nova chamada Bispo de Malta, onde pagava aluguel.

A localização de suas residências também representam um padrão muito claro. *Seu Orlando* conta que morou sempre em vilas e aglomerados, ou seja, no mercado informal de terras, já que em Belo Horizonte o acesso formal à moradia sempre foi muito caro e, portanto, restrito. Pela sua narrativa, é possível perceber que *Seu Orlando* sempre residiu na porção referente à regional Venda Nova, em Belo Horizonte, tradicionalmente uma região ocupada pela tipologia sócio-ocupacional popular, de acordo com Mendonça (2002), que se caracteriza pela forte representação dos operários da construção civil, de trabalhadores de serviço não-especializado e das categorias do subproletariado e do subemprego. Essa descrição é coerente com o que *Seu Orlando* relata de sua vida do trabalho.

Todo o percurso de vida do entrevistado no centro urbano contribui na formação de sua percepção acerca da cidade de Belo Horizonte. Ao longo da entrevista, *Seu Orlando* apresenta a diferença que a mudança para a cidade representou em sua vida, já que, no espaço urbano, “*ninguém saúda ninguém*” e se mantém a uma distância subjetiva segura dos outros. A percepção do funcionamento das relações sociais na cidade, vivenciada e narrada por *Seu Orlando*, é descrita por Bauman (2009) em seu livro *Confiança e medo na cidade*. Ainda, a experiência de Orlando é mais acentuada pela condição de sua classe, que representa mais um agravante na separação entre as pessoas. Ele conta que muitas vezes se sentia discriminado. Ao mesmo tempo, ele fala de um desejo de conhecer a cidade, de andar pelas ruas do centro; mas essa mesma cidade do deslumbramento do recém-morador era a mesma cidade onde ele sentia discriminado.

Ainda que segregado na própria cidade, podemos perceber uma dimensão também de pertencimento ou de desejo de fazer parte. Interessante perceber a ambiguidade de querer pertencer ao local que o rejeita ou à cidade que lhe é negada. O espaço urbano representa para *Seu Orlando* uma dimensão dupla: ao mesmo tempo em que o entrevistado compreende a situação de segregação, ele entende que a cidade está aberta a modificações geográficas e sociais.

Em alguma medida, ao longo da entrevista conseguimos compreender melhor a visão de *Seu Orlando* quando percebemos que morar em uma ocupação urbana pode ser um ato de necessidade e de resistência, mas também de crença do poder transformador do homem na sociedade.

## **O sujeito e a ocupação**

A crise econômica do início dos anos de 1980, acompanhada de um maior rigor na legislação urbanística concernente ao uso e parcelamento do solo urbano, conteve a explosão de novos loteamentos populares, o que acabou agravando o crescimento das favelas no município de Belo Horizonte, em especial nos primeiros anos da década. (TONUCCI, 2009)

No entanto, mesmo assim, houve a continuidade do processo de adensamento e expansão das áreas periféricas e industriais, acompanhada de uma desconcentração espacial e demográfica relativa das áreas centrais e a incorporação de novas áreas, tanto pelas camadas populares quanto pelas elites. Nesse momento, a urbanização ainda é muito concentrada em Belo Horizonte e inicia-se o derramamento do tecido urbano sobre os outros municípios. Sobre isso, Monte-Mór explica:

De outra parte, o tecido urbano estendeu-se pela periferia. Espaços industriais, serviços, oficinas, conjuntos habitacionais e loteamentos precários, linhas de ônibus e serviços de eletricidade estenderam a forma urbano-industrial pelo espaço circundante, pouca atenção dando às antigas municipalidades, às antigas cidadanias. O habitat ganhou autonomia, o tecido urbano estendeu-se para além das cidades, e as condições de produção urbano-industrial tornaram-se extensivas, adaptadas às novas exigências da produção e (precariedade) da reprodução na RMBH (1994, p. 25-26).

Uma crítica que se pode fazer ao modelo de cidade mencionado tem relação direta com a qualidade de vida de seus habitantes. Ao mesmo tempo em que a área urbana se estende pelas regiões metropolitanas, os locais associados ao trabalho, ao lazer e à cultura continuam localizados nas áreas centrais, criando grande distanciamento entre a cidade formal e os seus trabalhadores.

A rápida urbanização do território brasileiro não é um processo estritamente demográfico. Tem dimensões muito mais amplas, é a própria sociedade brasileira que se torna cada vez mais urbana. As cidades, além de concentrarem uma parcela crescente da população do país, convertem-se no locus privilegiado das atividades econômicas mais relevantes e transformam-se em difusoras dos novos padrões de relações

sociais incluindo as de produção e de estilos de vida. (BRITO, 2006, p. 223)

No seio de uma sociedade tão paradoxal não é de se surpreender que a desigualdade social resvalasse na questão da moradia e da habitação. No final dos anos 1990 vimos o surgimento de diversas ocupações e o estrangulamento do modelo de cidade vivenciado na era do capital. Uma das ocupações precursoras deste processo foi a Dandara, comunidade onde reside o nosso entrevistado.

A Ocupação Dandara, batizada em homenagem à companheira de Zumbi dos Palmares, foi iniciada na madrugada do dia 09/04/2009 com 150 famílias que foram organizadas pelas Brigadas Populares e o MST. A ocupação está localizada na regional de Venda Nova, no bairro Céu Azul e conta, hoje, com mais de 1.200 famílias. O relato de Orlando nos ajuda a compreender como se deu o início da ocupação:

*Eu estava fazendo uma andada e cheguei ali vi uma bandeira. [...] Era uma bandeira do MST. Ai eu parei ali...fiquei olhando ali. Tem alguém fazendo bagunça? [...] Eu cheguei aqui seis horas da manhã e fiquei conversando aqui com uns e fiquei conversando ali. Ai conversei com um cara e ele falou que estava ocupando esse terreno. Se for pra ocupar é bom porque ocupa esse terreno. Eu cheguei aqui seis horas da manhã. Ai eu voltei e fiquei mais eles e não vim mesmo totalmente para ocupar a terra não. Eu vinha ajudar eles. Eu cheguei aqui e estavam fazendo barraco. Ai eu conversava com alguém e falava sobre o projeto, eu encontrei com alguns do MST, mas eu já tinha visto uma passagem dessa no MST. Eu já conhecia a luta deles, tinha feito uma caminhada atrás deles, eu já dormi mais eles [...] Ai eles foram fazendo barraco e nós foi fazendo barraco. Eu morava aqui perto [...] e fui ficando mais eles e estou aqui até hoje. Mas o projeto era bom, que era de manutenção. O sonho deles era ter um espaço aonde você morasse e plantasse.*

Ao narrar sua trajetória, Orlando se remete várias vezes, inclusive desorganizando o nexos temporal linear - comumente referido à ideia de trajetória, em que, erroneamente, deveria se respeitar o início, o meio e o final - à Ocupação Dandara. O evento da ocupação possui uma centralidade muito grande na narrativa de *Seu Orlando*, que se destaca no seu encadeamento discursivo, a partir do qual atribui significado à sua subjetividade. Essa centralidade é percebida em diversas partes da entrevista quando *Seu Orlando* se refere várias vezes, em situações diferentes, à vida na ocupação. Não é errôneo, portanto, destacar a centralidade de sua relação com a melhora na qualidade de vida,

uma mudança no significado da produção da vida dele. A própria expressão “despretensiosa”, utilizada para narrar a caminhada, pode ser compreendida como uma forma de atribuir um sentido de encontro ou da inevitabilidade do acontecimento. O mesmo tom é percebido quando perguntado sobre o dia em que ele mudou-se para a ocupação.

*Desde o primeiro dia eu já ficava aqui. Eu só não vim pra falar assim: eu quero o meu pedaço. Eu vim pra ajudar o povo. Eu vinha, ajudava no que eles faziam e ia embora. Eu morava aqui perto.*

Ele recorda que, nos primeiros dias, a polícia recuou o povo para um pequeno pedaço de terra e que durante quatro meses eles não puderam ocupar todo o local. Segundo a entrevista, apenas no mês de julho de 2009 é que os moradores puderam dividir os lotes e se espalhar pelo terreno. Desde então, a ocupação Dandara continua existindo, ainda que constantemente ameaçada de despejo. Na entrevista com o *Seu Orlando* as dificuldades enfrentadas pela ocupação podem ser facilmente percebidas. Uma das questões fundamentais que o entrevistado aponta é a diferença conceitual entre comunidade e ocupação.

*É ocupação? É comunidade? É complicado. Há uma diferença sim. Para definir essas coisas bem, porque tem certas coisas que as próprias leituras hoje vai trocando os nomes, mas não pensa o que vai levar esse nome e pra onde vai. [...] É ocupação? É comunidade? Tem diferença sim. [...] Comunidade é uma coisa mais ampla. Nós queremos chegar nisso, e nós temos que caminhar pra isso. Mas nós estamos na ocupação.*

Quando perguntado sobre o que falta para a ocupação Dandara se tornar comunidade, ele responde que falta ainda uma experiência de um valor de uso do espaço, assim como questões de primeira necessidade como luz, água e serviços sociais básicos. Ao mesmo tempo, ele entende que a ocupação poderia ser comunidade se considerássemos as questões de sociabilidade, pois lá as pessoas se conhecem, se cumprimentam e têm noções de coletividade. Segundo ele, na cidade tais elementos não podem ser percebidos: “*Quem sabe a gente traz esse conceito para a cidade?*”, se pergunta *Seu Orlando*.

Ele entende que a ocupação tem que melhorar muito, mas reconhece diversos pontos positivos.

*Morar aqui é tudo de bom. Eu não vejo problema nenhum. Eu não vejo dificuldade nenhuma de morar aqui. Não vejo. E nem vejo nada de ruim. Agora que tem que melhorar muitas coisas,*

*tem. Até pra isso que lá atrás a gente falou...pra ser comunidade tem que melhorar muito.*

Ele entende que as principais melhorias de que a ocupação necessita poderiam ser alcançadas com o reconhecimento do Dandara pelo poder público com sua agregação efetiva e não apenas simbólica ao espaço da cidade.

*Tem que melhorar o aspecto de água, tem que melhorar de luz, tem que melhorar de rua, tem que melhorar o entorno da comunidade com a educação, tem que melhorar a saúde. Esse é o lado bom que tem que melhorar.*

Ao falar sobre os pontos positivos da ocupação, ele usa como exemplo de oposição os prédios que são construídos vertiginosamente na cidade de Belo Horizonte. Ele não compreende o interesse das pessoas pelos edifícios e explica a sua necessidade de contato com o “chão” e sua visão sobre os prédios:

*Sei que é de luxo. Mas alguém deve se sentir bem. Eu é que não sinto. Eu que não sinto. Eu tenho amigo que mora lá e eu chamo: vamos descer lá pra baixo, isso aqui tá muito ruim. [...] O meu sonho quando eu vim pra cá que você falou era exatamente esse. Opa! Aqui vai dar pra você fazer a sua casa, vai dar pra você plantar.*

A própria altura dos prédios pode servir de metáfora para pensarmos a distância existente entre as ocupações urbanas e a cidade. Distância não apenas geográfica, mas social, educacional, de oportunidades e de bem-estar social. Quando Seu Orlando afirma que “*A cidade está muito longe da comunidade*”, não se trata apenas de uma expressão vazia. No cotidiano da cidade, ela pode ser facilmente perceptível. Tal distância se dá por diversas vias: econômica, social e, principalmente, pelo preconceito em torno das ocupações, que são constantemente associadas ao tráfico de drogas e ao banditismo social.

*Eu, pra mim, que moro na ocupação, a cidade é uma muralha. A cidade está pro lado de lá e a gente pro lado de cá. Lá com um povo e aqui com outro. A cidade não somos nós.*

Por um viés sociológico, podemos afirmar que se a cidade é “*quase ninguém*”, já que poucos podem usufruir da cidade e dos seus espaços. O acesso à cidade é mediado pelos recursos financeiros, pela capacidade de pagar. Revela, portanto, o quanto a cidade se tornou *lócus* da realização do valor de troca, de acesso à moradia, a equipamentos urbanos, à infraestrutura e a outras

dimensões que não são ubíquos, mas, na verdade, possuem clara dimensão de classe. Os direitos (inclusive o reivindicado direito à cidade) tornaram-se mercadorias. Por isso, lembra-nos Milton Santos (1993, p. 121), “*o cidadão se tornou ensombrecido pelo usuário e consumidor*”. Fato que David Harvey (2012) complementa ao comentar que a qualidade de vida urbana se tornou um produto a ser consumido.

As cidades revelam, dessa maneira, vários mecanismos que atuam na reprodução e ampliação das desigualdades entre as classes. E isso acontece de forma cada vez mais escancarada nas cidades brasileiras, onde as desigualdades latentes são percebidas mais claramente pela sua própria organização socioespacial. Os problemas sociais que surgem em função desse impasse são conhecidos e as tensões de habitar na cidade dividida podem ser percebidas por todas as classes sociais.

O entrevistado explora tais questões quando perguntado sobre qual o tipo de sociedade que ele gostaria de habitar:

*Uma sociedade que traz igualdade pra todo mundo. Que alguém pode ter, mas não ser muito individual. Esse negócio de poder muito dividido é muito ruim. Até para o futuro. O que será dessa nação? Está bom assim? Vai ter que mudar? Ou vai ter que consertar esse povo? Agora, na minha visão do jeito que tá não dá. É isso. Mas falta o povo acordar. Há divisão de classe? Sim. Mas eles que não acorda não pra ver. Nós já estamos há dois mil anos. Será que aguenta mais quinhentos?*

Na visão do homem que pouco frequentou os bancos escolares, podemos perceber que sua fala remete a diversos paradoxos do mundo contemporâneo: à desigualdade social, ao individualismo exacerbado, ao consumo excessivo, à questão ambiental e à possibilidade de garantir a sobrevivência do homem do mundo que se destrói a cada dia.

O vislumbre que *Seu Orlando* narra de um possível futuro destaca os princípios de igualdade e comunidade, muito caros à sua formação subjetiva, que experimentou situações de desigualdade e falta de solidariedade provenientes do individualismo. Seus questionamentos são presentes em diversos meios que estão engajados em alguma mudança política e, como militante de uma organização política, *Seu Orlando* se dispõe a pensar essas questões. O futuro dessa luta de classes – que embora não utilize o termo central da filosofia marxista, é imanente ao seu discurso em diversas passagens – é uma mudança que está para acontecer, mas que “*falta o povo acordar*”. A situação que está dada desde sempre gera dúvidas se aguentará “*mais quinhentos*” e, a partir desse ponto, é obrigação a reflexão de uma utopia. Mais do que a reflexão, o engajamento.

Na entrevista com *Seu Orlando* ficou clara a frase de Thomson: “*Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser*” (THOMSON, 1997, p. 57). A partir das memórias de sua vida e do lugar que *Seu Orlando* ocupa no presente, é que se permite vislumbrar esse futuro de mudança.

### Considerações finais

A entrevista realizada com *Seu Orlando* lança luz a várias questões referentes à produção do espaço urbano e de sua história. Percebe-se, em especial, um ponto nevrálgico da discussão referente às cidades: a relação da população excluída, colocada à margem da cidade formal.

No entanto, deve ser destacado que esse movimento de exclusão da população pobre das cidades acaba por ter uma dimensão de criação de uma certa identidade positiva que essa população compartilha. Nas falas de *Seu Orlando* fica clara a importância dessa dimensão da identidade, que ele passa a construir a partir de sua própria condição como morador de ocupação, não de uma maneira negativa, mas exatamente ao contrário, como positividade. É a partir dessa identificação que é possível justificar o esforço de recuperar a narrativa de Orlando, já que ela reflete a tentativa de “escovar à contrapelo” a produção do espaço e da história de Belo Horizonte; resgatar as narrativas dos “perdedores” que a história oficial não cessa de calar; de disputar um espaço na memória coletiva da cidade que permita, em termos do Benjamin (2010), a redenção da história.

A construção da identidade pessoal de *Seu Orlando* atual está vinculada diretamente à sua condição de morador de ocupação e militante. Seu encadeamento discursivo leva a crer que ocupar essas posições são centrais na sua formação subjetiva. Pensar a narrativa de determinado sujeito sem ter em mente a noção de experiência individual seria ocultar uma importante dimensão do entrevistado.

Entendemos que através da experiência se “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (THOMPSON, 1981, p. 15). É pela experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos, articulando-as com suas referências temporais, espaciais e socioculturais.

Pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antago-

nismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura (THOMPSON, 1981, p. 182).

É a partir da experiência conjunta e coletiva que se pode tentar acessar a rede intersubjetiva estruturada pelos sujeitos ao longo da reprodução de sua vida. A narrativa do passado só pode ser acessada por meio da articulação entre o vivido e sua condição no presente, mediada sempre pela noção de experiência. Dessa maneira, é possível redefinir os significados retroativamente e, no presente, dar sentido às suas vivências no passado, como foi observado no caso do *Seu Orlando*, desde o campo do trabalho, das relações pessoais e de moradia.

*“O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.”* (SARLO, 2007. p. 9) É necessário destacar que os relatos capturados durante as entrevistas não são – e nem pretendem ser – absolutos. Dizem mais da experiência do sujeito no presente do que no passado. Essa é uma das grandes contribuições que a história oral pode dar aos pesquisadores que se debruçam sobre ela: a possibilidade de compreensão do sujeito a partir de uma complexa tríade temporal articulada pelo passado, presente e futuro.

Ao narrar o passado, o narrador refaz as experiências no presente e aponta as possibilidades de intervenção no futuro que, diante das complexidades da vida contemporânea, necessita cada vez mais de ser discutido, analisado e modificado. A pergunta de *Seu Orlando* nos possibilita entender tal necessidade:

*Será que aguenta [a vida contemporânea] mais quinhentos anos?.*

Na condição de pesquisadores do tempo e do espaço, não saberíamos respondê-lo, o que não nos parece demérito. A nossa utopia não é encontrar respostas, mas sim levantar indagações como a de *Seu Orlando*, que nos movam enquanto sociedade e nos permitam buscar caminhos mais humanos e justos para a existência humana no presente e no futuro.

## Referências

ABRAMO, Pedro. O Mercado de solo informal em favelas e a mobilidade residencial dos pobres nas grandes metrópoles. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO, 11, 23 a 27 maio 2005. Salvador. *Anais...* Salvador, BA, 2005.

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 194p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 94p.
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 2010. 280p.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 488p.
- BRITO, Fausto. O deslocamento da população brasileira para as metrópoles. *Estudos Avançados*, São Paulo v. 20, n. 57, p. 221-236, 2006.
- CANETTIERI, Thiago. Ocupações, remoções e luta no espaço urbano: A questão da moradia. *E-Metropolis – Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais*, São Paulo, n. 17, Ano 5, p. 29, 2014.
- DAMIANI, Amélia. *População e Geografia*. São Paulo: Contexto, 2011. 110p.
- HARVEY, David. *Rebel cities: From the right to the city to the urban revolution*. Londres: Verso Books, 2012. 187p.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico de 1980*. Rio de Janeiro: IBGE, 1980.
- KIEFER, Marcelo. *Cidade: memória e contemporaneidade*. 2005, p.138 . Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- LIBERATO, Rita de Cássia. *Cidade e exclusão: o lugar de moradia dos excluídos – o caso de Belo Horizonte*. 2007, p.282. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, PUC MINAS, Belo Horizonte, 2007.
- MARICATO, Erminia. Metrôpole, legislação e desigualdade. *Estudos Avançados*, [São Paulo], v. 17, n. 48, p. 151-168, 2003.
- MATOS, Olgária. Walter Benjamin: pólis grega, metrópoles modernas. In: SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia. (Orgs.). *Política, Cidade, Educação – Itinerários de Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Editora PUC/RJ, 2009, p. 61-83.
- MENDONÇA, Júpira. Mobilidade residencial e segregação sócio-espacial na RMBH. In: ENCONTRO DE ECONOMIA MINEIRA, 11, 2002, Diamantina. *Anais...Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE-UFMG*, 2002.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís. Belo Horizonte: a cidade planejada e a metrópole em construção. In: MONTE-MÓR, Roberto Luís. (Org.). *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte: CEDEPLAR-PBH, 1994. p. 29-50.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revistaarq/43.pdf> Acesso em: 08 ago. 2014.

BATISTA, Natalia Cristina; CANETTIERI, Thiago. “A cidade não somos nós”: tempo e espaço...

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1988. 46p.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993. 174p.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. 129p.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. *Projeto História*, São Paulo: EDUC, n.15, 1997.

THOMSON, Edward. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. 231 p.

TONUCCI, João Bosco. Belo Horizonte – da cidade planejada à metrópole segregada. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANA E REGIONAL, 13, 2009, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, ANPUR, 2009.

Submissão em: 10/12/2014

Revisão em: 22/01/2015

Aceite em: 28/04/2015

Natalia Batista é mestre em História e Culturas Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pesquisadora do Núcleo de História Oral/UFMG. Endereço para correspondência: Av. Marechal Hermes, 913. Durval de Barros. Ibitiré /MG. CEP 32400-000.

E-mail: [nataliabarud@gmail.com](mailto:nataliabarud@gmail.com)

Thiago Canettieri é doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

E-mail: [thiago.canettieri@gmail.com](mailto:thiago.canettieri@gmail.com)